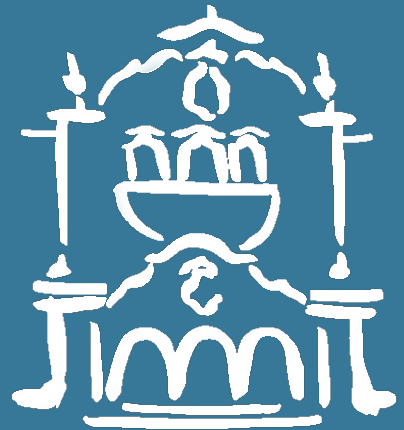


REVISTA
DA
EXTENSÃO
UFRRJ

1ª EDIÇÃO | ANO 2015

EXPEDIENTE:

Equipe de comunicação:
Carolina Vaz, Pollyana Lopes e Raíze Souza
Reitora: Ana Maria Dantas Soares
Vice-reitor: Eduardo Mendes Callado
Pró-reitora de Extensão: Katherina Comendouros
Pró-reitora adjunta de Extensão: Lana Claudia Fonseca



Editorial



É com grande alegria que retomamos a publicação da Revista de Extensão da UFRRJ, com nova apresentação. Buscamos fomentar a produção e o registro das ações de extensão na UFRRJ, contemplando estudos, pesquisas, artigos, expressões artísticas e projetos realizados por professores, alunos e servidores da Rural e sua relação com a sociedade.

Esperamos que a Revista de Extensão seja uma experiência gratificante, em que a pesquisa, o ensino e a extensão conversem em cada matéria. Desejamos uma leitura prazerosa e inspiração para novos projetos.

Katherina Comendouros

Pró-reitora de Extensão da UFRRJ

Nuvens de Tags



A Revista da Extensão UFRRJ possui uma estrutura inovadora. Nossas editorias deram espaço para as tags. Dessa forma, você pode conferir com mais rapidez e facilidade quais são os principais assuntos que as matérias tratam. As tags estão situadas sempre no canto superior esquerdo das páginas, e a distinção é feita através das cores abaixo:



Arte



Educação



Identidade



Acessibilidade e Inclusão



Empreendedorismo



Iniciativa



Cultura



Entrevista



Sustentabilidade



Artista Ruralino

A Pró Reitoria de Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro busca nas suas atividades fomentar a arte e a informação. Por esse motivo, todas as edições da Revista da Extensão UFRRJ virão com a seção “Artista Ruralino”. Nelas, você encontrará diferentes tipos de arte, produzidos pelos alunos e funcionários da Instituição. Nesta edição você pode conferir:

| Média Metragem. Título: “Arte na (LOU)Cura”.

Autores: **Henrique Faerman, Raphael Peixoto e Tarcila Viana** -
Graduandos em Jornalismo

..... P.14

| Óleo sobre tela (24x36cm). Título; “Felino Brasil-África”.

Autor: **André Capitão** - Mestrando em História

..... P.15

Sumário



6

Empresa júnior trabalha por produtores familiares locais



10

Revista Destinos e os três pilares da universidade



15

Anais da IX Semana de Extensão



16

CoAr: Iniciativa e ação



20

Do quilombo para o cinema



22

Projeto vai transformar experiência de ressocialização



Empresa júnior trabalha por produtores familiares locais

POR CAROLINA VAZ

Batizada em homenagem à deusa romana dos grãos e da colheita, a empresa júnior de economia agrária Ceres Jr. une conhecimento acadêmico à possibilidade de melhorar uma área deficiente na economia de Seropédica e região. A Ceres foi fundada em maio de 2013, e presta consultoria a agricultores familiares de Seropédica e do entorno, ajudando-os a melhorar seu negócio. O objetivo é aproximar os produtores do consumidor local, uma vez que a maioria deles não vende para os mercados da cidade, comercializando principalmente em feiras.

O desafio do transporte

Muitos agricultores familiares da cidade, que produzem frutos, hortaliças e leguminosas orgânicas, têm dificuldades na infraestrutura de seu negócio.

Um dos principais problemas é o transporte dos alimentos. Como se sabe, as ruas de Seropédica não são todas pavimentadas, e muitos alimentos se perdem no caminho. A própria feira não é um espaço com boas condições para a conservação dos produtos. Quem não tem transporte acaba tendo que vender para aqueles que podem buscar a produção, como a Central Estadual de Abastecimento (Ceasa), que fica em Irajá, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Outra opção é vender para os atravessadores: pessoas que possuem transporte próprio para essas cargas, e compram por muito menos do que o real valor dos produtos. Vale lembrar que é do Rio de Janeiro que supermercados de Seropédica compram seus produtos, geralmente com agrotóxicos. A possibilidade de se comprar, a menor preço, um produto mais saudável, como é o caso dos orgânicos, e beneficiar o comércio local é o que a Ceres vem tentando fazer.

Uma equipe multidisciplinar e muitos objetivos

Para estar em contato com esses produtores, os próprios membros da empresa-júnior buscam soluções: vão às propriedades (muitas vezes colocando o pé na lama e chamando das porteiras), frequentam suas reuniões, conversam e anotam os problemas que enfrentam. Assim, elaboram um plano de gestão para cada produtor, e depois negociam a venda e aplicação desse plano.

Solucionar as deficiências dos produtores envolve muitas questões, em termos econômico, social e inclusive jurídico. Por isso, a equipe da Ceres

é multidisciplinar. Com 21 membros - e previsão de mais de 30 no próximo período - eles cursam economia; administração de empresas; econo-



Foto: Divulgação

Parte da equipe atual da Ceres Jr.

“

A proposta é mesmo que seja multidisciplinar, para termos troca de conhecimento.

Pedro Mattosinhos, ex-presidente da Ceres.

”

mia doméstica; engenharia de agrimensura e cartográfica; engenharia florestal; engenharia agrícola e ambiental; psicologia e zootecnia. “A proposta é mesmo que seja multidisciplinar, para termos troca de conhecimento”, diz Pedro Mattosinhos, ex-presidente da Ceres e estudante de Economia. A presidente atual é Raquel Pereira, também de Economia. A empresa júnior ainda dialoga com outros órgãos competentes para ajudar na melhoria do trabalho dos agricultores, como a Secretaria municipal de Agricultura e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) do Rio de Janeiro. Mais recentemente, o presidente da Ceres Jr. se tornou presidente, também, do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional de Seropédica.

Contatos da Ceres Jr.:

| Site: <http://www.ceresjunior.com>
| Facebook: <https://www.facebook.com/ceres.junior.3>
| E-mail: contato@ceresjunior.com

Entrevista

POR CAROLINA VAZ



Foto: Divulgação

Pedro Henrique Mattosinhos, de 22 anos, é estudante do curso de economia no campus Seropédica da UFRRJ. É um dos fundadores da Ceres Jr, em dezembro de 2013 tornou-se presidente do recém-criado Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) de Seropédica. Em entrevista, Pedro contou como a Ceres se inseriu no conselho, e mostra que o(a) estudante da Rural pode utilizar seus conhecimentos para beneficiar a região, inclusive na tomada de decisões.

PROEXT: Como você se tornou o presidente do Conselho de Segurança Alimentar de Seropédica?

PEDRO HENRIQUE MATTOSINHOS: Me informaram que teria uma reunião sobre a criação do Consea, o Conselho de Segurança Alimentar Nutricional de Seropédica. Como essa área de segurança alimentar busca os clientes da Ceres, que na verdade são os produtores locais daqui, eu decidi ir. Quando eu cheguei à Câmara Municipal de Seropédica, nessa reunião onde seria criado o Consea, tive uma surpresa de que não havia nenhuma representação de produtor local.

PROEXT: Quem estava presente?

PHM: O Consea é composto de um terço de representantes do poder público e dois terços de representantes da sociedade civil. Então, esse um terço do poder público estavam presentes, que são as secretarias de saúde, educação, agricultura e assistência social. E quanto aos representantes e associações, havia a Rural, a Embrapa, a Pesagro, a Pastoral da Criança, o Instituto de Cultura e Religiões Afro-Brasileiras do Município de Seropédica, entre outras. Mas não havia ninguém ligado com a produção.

PROEXT: No caso os produtores orgânicos?

PHM: Sim. Eu achei estranho isso e, quando foi perguntado o que eu estava fazendo lá, eu falei que tinha ido conhecer, e com algumas votações a Ceres entrou no Consea, como titular, e eu como representante. As primeiras reuniões foram para conhecer o que é o funcionamento do conselho, por que ele estava sendo criado pela prefeitura. Haveria uma votação para presidente e vice-presidente e secretário do conselho. Solicitaram que a gente apresentasse candidatura, e na situação eu me vi preparado, principalmente pela questão de tempo, e vontade de fazer a diferença. Afinal de contas, seria uma votação, e se eles achassem que eu não estivesse preparado, eu

não iria. Porém, eles acharam e eu entrei como presidente do Consea. Temos reunião todo bimestre, já tem um calendário definido. Todas essas reuniões são na Câmara Municipal. Só os conselheiros têm direito a voto, mas todo cidadão tem direito a voz e pode participar.

PROEXT: Como você acha que essa representação pode ajudar a Ceres?

PHM: Vejo que a presença no Consea dá uma visibilidade, dá uma garantia de que a Ceres é séria, quer fazer a diferença, e, além disso, que não é simplesmente uma prestadora de serviços. Estamos inseridos numa sociedade, a gente quer modificar a sociedade pra melhor. Acho que esse é o grande diferencial da Ceres. Tem um objetivo que vai além do simples conhecimento, da prática, que de fato é o que nos torna tão unidos na empresa júnior.

PROEXT: Como você representa os interesses dos produtores no Consea?

PHM: Vamos receber algumas denúncias quanto a situações que feram a segurança alimentar. E nesse ponto da segurança alimentar entra a questão da produção. A experiência que esse grupo tem com os clientes, com os produtores rurais, por causa da Ceres, vai ser levada até lá de maneira que possamos identificar alguns problemas que são estruturais, que não dependem do produtor, ou, enfim, são questões que o poder público local deveria resolver, e que políticas públicas podem ser propostas. E eu estou lá justamente pra conversar e estar no meio das políticas públicas pra melhorar a situação desses produtores locais.



Revista Destinos e os três pilares da universidade



POR CAROLINA VAZ

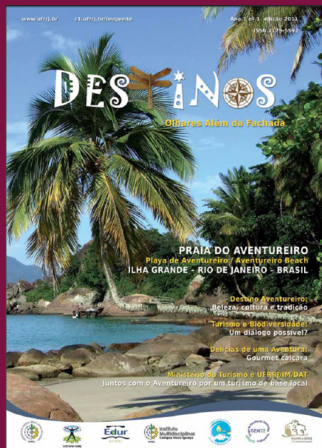
Tudo começou na Praia do Aventureiro, na Ilha Grande (RJ). A professora Janaina Nascimento, do Departamento de Administração e Turismo (DAT) do Instituto Multidisciplinar (campus Nova Iguaçu) foi chamada pelos professores Teresa Mendonça e Leandro Fontoura para fazer ações de marketing com moradores da comunidade. A ideia era gerar uma identidade visual para o projeto coordenado por Teresa e Leandro, “O Povo do Aventureiro: Desenvolvimento de Turismo de Base Comunitária”. Janaina fez várias atividades com os moradores, com o objetivo de notar qual a identidade que eles atribuíam à sua localidade. O registro dessas ações - e de todo o contexto local - se tornou a primeira revista Destinos, uma revista universitária de extensão do Grupo de Estudos em Marketing, Tecnologia e Ecologia (GEMTE). Esta primeira edição foi conquistada pelo edital Biext do ano 2010.

Desde então, outras duas Destinos foram feitas, e há uma quarta a caminho. Cada edição tem um novo tema, sempre ligado a uma determinada comunidade. A primeira tratou a da Vila do Aventureiro, a segunda da Baixada Fluminense, a terceira foi sobre Acessibilidade e Deficiência, e a quarta terá como tema “Pequenos notáveis”, sobre pequenos empreendedores e inovadores. Um dos legados da primeira edição, que era uma ação de turismo, é a revista ser trilingue: todas as matérias

têm seus textos em português, inglês e espanhol.

No projeto participam professores e alunos, principalmente dos cursos de Administração e Turismo, mas também já houve colaboração de estudantes de Letras, Ciências da Computação e Jornalismo. O bolsista ou voluntário do projeto Destinos tem que cumprir alguns pré-requisitos: ter disponibilidade para viajar, saber usar ferramentas de informática, ter familiaridade com outra língua são alguns deles. O outro é gostar de pessoas, porque a Destinos é um trabalho direto com gente. O bolsista Nelson Laboissiere, estudante de Turismo, participou da edição de acessibilidade e diz que teve “momentos de trabalho intenso”, mas também de muito aprendizado: “Trabalhar na produção do projeto foi uma experiência enriquecedora por conta das pessoas que eu conheci e por tudo o que eu aprendi”, conta.

A equipe também conta com colaboradores de outros países como o pesquisador Jesús Garcia, da Universidade de Pinar del Rio, em Cuba, e a pesquisadora Françoise Queiroz, da Universidade de Málaga, na Espanha, além de professores e pesquisadores da Universidade Feral Fluminense (UFF) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).



As três edições da Revista destinos, em ordem de publicação

“

Trabalhar na produção do projeto foi uma experiência enriquecedora por conta das pessoas que eu conheci e por tudo o que eu aprendi

Nelson Laboissiere, estudante de Turismo e bolsista do Projeto.

”

Os três pilares

A professora Janaina, idealizadora do projeto e uma das responsáveis desde o início, ressaltou que, embora a Destinos seja uma revista extensionista, trabalha sobre os três pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Isso porque o projeto vai além da revista, que é só uma plataforma de registro das ações do grupo em contato direto com as comunidades. Nas disciplinas que leciona, relacionadas a marketing e comportamento do consumidor, Janaina sempre trabalha com a temática que está sendo tratada simultaneamente na revista. “Quando trabalhamos o Aventureiro, os alunos de turismo fizeram planos de marketing para alguns estabelecimentos da praia do Aventureiro”, exemplifica. Segundo ela, isso acabou gerando projetos de monografia e de pesquisa em geral, em todas as edições. Inclusive pesquisas já publicadas com a temática também entram na revista, que dedica algumas páginas a resumos de artigos acadêmicos.

Para a professora, o contato com os acadêmicos no desenvolver do projeto, e também seus olhares registrados na revista, são importantes para dar legitimidade aos assuntos. “Alguém tem que escrever o que é Baixada, a história dela, tem que escrever como está a situação hoje dos moradores da Vila do Aventureiro, tem que ter um olhar científico pra dizer quais são as terminologias, quais as políticas do Brasil em relação à acessibilidade, e tem que ter um pesquisador atuante que fale sobre isso”, diz.

Impacto Social

O que faz do projeto Destinos um projeto de extensão, de fato, não é a redação de uma revista. É todo o processo anterior: a imersão da equipe naquela comunidade que compõe o tema da edição. E a própria participação de gente da comunidade para construir junto aquilo que vai entrar na revista. Um exemplo disso são os concursos promovidos pelo GEMTE. Na verdade, o grupo trabalha em três frentes, e a última delas é a Revista.

A Destinos materializa, por exemplo, os resultados de um outro projeto, chamado Projeto Olhares, um dos selecionados no edital Biext 2014, com o nome Projeto Olhares: TOC na Baixada (e periferias) - Treinamento, Oficinas e Cursos “Inovação e Empreendedorismo para valorização e desenvolvimento local”. O projeto é do professor Marcos Benac, e neste ano vai atuar com pessoas a partir de 14 anos de idade, que tenham interesse em qualificação para o mercado de trabalho, ou que queiram potencializar seu perfil empreendedor. É com treinamentos, oficinas e cursos na região escolhida que a equipe causa o impacto social na sociedade e obtém da experiência material para a Revista.

A segunda frente de trabalho do GEMTE, que é um momento muito importante no projeto, é o concurso. O concurso traz à tona aquilo que a equipe não é capaz de descobrir sozinha sobre o lugar as pessoas, e tem ajuda da comunidade.



É uma revista que é híbrida, é informativa e também tem alguma coisa científica, e tem a missão de dar voz, escrita, pra comunidade e pesquisadores, criando ali um ambiente onde os dois estão juntos. Não há diferença de status de importância, dividem o mesmo lugar onde se expressam, no ambiente da revista.

Definição da revista Destinos nas palavras de Janaina.





A equipe do GEMTE levou pessoas com deficiência para avaliarem o projeto Praia para Todos, em Copacabana.

No projeto da Praia do Aventureiro, foi a própria necessidade de um logotipo que representasse o sentimento de pertença dos moradores daquela parte da Ilha Grande, conquistado através de uma oficina, que veio a ideia da revista Destinos.

Na segunda revista, edição Baixada Fluminense, o concurso Apareça com a GEMTE fez com que estudantes de ensino médio e uma estudante da Universidade Rural encontrassem anônimos de destaque na região - desde a Dona Carminha que fez da sua casa uma creche informal que alfabetizou muitas crianças, até a feijoada que atrai cariocas de todos os cantos para Belford Roxo.

Na edição sobre acessibilidade e deficiência, houve duas categorias: uma para projetos, ou seja, invenções que beneficiassem pessoas com deficiência; a outra, para pesquisas a respeito. Foram escolhidos seis projetos, incluindo de uma banda de percussionistas com deficiência, e de duas mestrandas em Educação da UFRRJ que desenvolveram equipamentos para

que pessoas com deficiências, principalmente nas mãos, pudessem usar o computador, usando adaptações com materiais reciclados como canetas e copos.

Segundo Janaina, sem os concursos, seria impossível encontrar esses ilustres anônimos. Os objetivos dos concursos são, exatamente, descobrir essas pessoas, valorizá-las em nome da universidade, e poder divulgar suas ações na esperança de que suas atitudes sejam multiplicadas.

| Distribuição e acesso:

As revistas são disponibilizadas no site do GEMTE (<http://r1.ufrrj.br/im/gemte/>). As edições impressas são distribuídas em bibliotecas na UFRRJ e na Baixada Fluminense, entregues às pessoas da comunidade não acadêmica que colaboram em cada ano de projeto, e enviadas para bibliotecas de Cuba e Espanha.

Artista Ruralino



Arte na (LOU) Cura

Assista através do link: <https://goo.gl/1Y2vHu> ou
fotografe o qrcode abaixo:



Média Metragem. Título:
“Arte na (LOU)Cura”.
Autores: Henrique Faerman,
Raphael Peixoto e Tarcila
Viana - Graduandos em
Jornalismo

IX SEMANA DE EXTENSÃO



SUPLEMENTO DESTINADO AO FOMENTO E DIVULGAÇÃO DOS
RESUMOS DOS ANAIS DA IX SEMANA DE EXTENSÃO.

NESTA EDIÇÃO:

.....

3 A PROTEÇÃO PREVIDENCIÁRIA AO ACIDENTE DE TRABALHO NO DIREITO BRASILEIRO

Autora: Edifrance F. N. de Souza

4 DIAGNÓSTICO DE DÉFICITS, APLICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA REESTRUTURAÇÃO DO AGRONEGÓCIO FAMILIAR APÍCOLA, VOLTADA PARA A DEFESA SANITÁRIA

Autora: Maria C. Lorenzon

5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E EDUCOMUNICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO “ESPAÇO COM CHEIRO DE VERDE”

Autores: Raabe Maranhão, Lilian Estolano, Lia Oliveira, Ana Dantas Soares

9 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E CONSUMO CONSCIENTE E SUSTENTÁVEL: REFLEXÃO A CERCA CIDADANIA COM ADOLESCENTES

Autores: Suzane Coelho e Patrícia Freitas

10 LABORATÓRIO DE ALGORITMOS, GRAFOS, OTIMIZAÇÃO E APLICAÇÕES - LAGOA

Autores: Válber Laux, Carlos Braz, Silas Cunha e Adria Lyra

11 MESTRE ANGOLINHA E O GRUPO DE CAPOEIRA ANGOLINHA NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Autora: Ana L. X. de P. Paiva

A PROTEÇÃO PREVIDENCIÁRIA AO ACIDENTE DE TRABALHO NO DIREITO BRASILEIRO

Autora: Edifrance Fernandes Nascimento de Souza

Palavras-chave: Acidente de trabalho; Trabalhador Rural ; Benefícios Previdenciários

A preocupação com a saúde do trabalhador e do ambiente de trabalho tem sido alvo de grandes investimentos, não somente no Brasil como em todo o mundo. A Constituição Brasileira traz como garantia fundamental no art. 7º, XXII, a redução dos riscos inerentes ao trabalhador por normas de saúde e segurança.

No entanto, a busca da produtividade não deve ser atingida sem que se leve em conta a saúde do trabalhador e ser entendida pelo abrangente conceito utilizado pela Organização Mundial de Saúde - OMS, que trata de “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”.

Essa preocupação decorre do movimento global que busca minimizar os altos índices de acidentes de trabalho que ferem a estrutura social e familiar prejudicando a ordem econômica e social, também prevista pelo legislador no art. 170 da CRFB/88. O Brasil, infelizmente, tem altas taxas de acidentes e ocupa o 4º lugar nesse ranking que não merece comemoração. Nesse escopo cabe-nos mostrar a forma encontrada pelo Estado Brasileiro para enfrentar esse risco social, considerando os benefícios previdenciários dentro da perspectiva prevista pela Lei 8.213/91, em decorrência da implantação dos Direitos Sociais, art. 6º da CF/88, e

sob a visão da Organização Internacional do Trabalho - OIT. Assim, ao analisar o contexto social do trabalho, procura-se demonstrar a importância da prevenção e da saudável relação de trabalho dentro da ordem previdenciária e os benefícios entendidos aos trabalhadores diante da ocorrência do acidente do trabalho.

Por esse viés, pretende-se chamar a atenção para as atividades que mais produzem acidentes de trabalho em nosso país, principalmente a do trabalhador rural que exerce trabalho penoso e é, ainda, objeto de descaso de alguns empregadores que não promovem o vínculo trabalhista necessário para que o recebimento do benefício previdenciário pelo acidente do trabalho seja alcançado sem maiores dificuldades.

DIAGNÓSTICO DE DÉFICITS, APLICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA REESTRUTURAÇÃO DO AGRONEGÓCIO FAMILIAR APÍCOLA, VOLTADA PARA A DEFESA SANITÁRIA

Autora: Maria Cristina Lorenzon

Palavras-chave: Censo; Associativismo; Qualidade de vida; Setor Agrário

A Apicultura destaca-se como uma boa alternativa do agronegócio para pequenos produtores rurais. Muitas regiões estão se desenvolvendo às expensas desta atividade rural, mas, este segmento ainda é carente de assistência técnica para alcançar boas cifras de produtividade. Segundo o Censo Apícola Fluminense (Lorenzon et al., (2008), a atividade apícola apresenta índices de produção abaixo de médias aceitáveis e vários aspectos de sua estrutura carecem de reformulação. A sanidade apícola é o de maior desafio, seus déficits acarretam prejuízos consideráveis aos apicultores.

Para tratar de questões que envolvem a sanidade apícola e da defesa sanitária junto ao produtor e ao consumidor de seus produtos, este projeto de extensão do CNPq reuniu um grupo multidisciplinar de profissionais. Os trabalhos visam avaliar os déficits do segmento apícola fluminense, elencar os fatores de impactos tecnológico, ambiental, social e econômico de modo a favorecer as ações da Defesa Agropecuária no estado do Rio de Janeiro.

Ao longo de três anos, o projeto realizou atividades em conjunto com produtores, técnicos do serviço de Defesa Animal de Estado (SEAPEC, MAPA) e assessoria de pesquisadores da UFRRJ, PESAGRO,

FIOCRUZ. Realizou-se um levantamento em 400 apicultores; utilizaram-se 5 laboratórios para atender as análises de controle de qualidade dos produtos e para a detecção de vetores de doenças; prepararam-se cursos, eventos e material educativo.

Criou-se o Indicador de Desempenho Apícola (IDApi), para oferecer on line assistência técnica e de cadastramento. Produziu-se um livro, que apresenta a diagnose apícola fluminense, enquanto orienta a correção das suas deficiências técnicas. Produziram-se 10 dossiês para a Defesa Animal; foram oferecidos cursos para 40 técnicos, oficinas para produtores (3), Simpósio e a Conferência Estaduais para a Defesa Sanitária e do Meio Ambiente, atendendo um público perto de 700 pessoas.

Trabalharam no projeto 19 bolsistas de extensão, de apoio técnico e pós-graduação, 5 professores de três Institutos, 35 técnicos de outras Instituições; produziram-se cartilhas, folders, banners, CDs, informativo para magazines. Auxiliou-se a legalização de dois entrepostos, fortaleceu-se a Câmara Estadual de Apicultura. Obteve-se 4 premiações, sendo três de âmbito nacional.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E EDUCOMUNICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO “ESPAÇO COM CHEIRO DE VERDE”

Autores: Raabe Maranhão, Lilian Estolano, Lia Oliveira e Ana Dantas Soares

O presente trabalho é fruto de uma metodologia em que se propõe o uso da ferramenta da Educomunicação Socioambiental no contexto escolar. As atividades são realizadas no Centro de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente (CAIC) Paulo Dacorso Filho, situado no município de Seropédica-RJ, onde estão sendo concretizadas ativamente pelos bolsistas do projeto “Espaço com Cheiro de Verde”¹, por meio de metodologia baseada na pesquisa-ação. Entendemos, assim, a potencialização dos processos educativos dialógicos que possibilitam maior acessibilidade e democratização da comunicação para programas e projetos socioambientais. É necessário refletir de forma crítica sobre a importância das mídias na contemporaneidade, procurando entender como essa evolução tecnológica propicia transformações na sociedade e principalmente como a escola tem disponibilizado aparelhos e tecnologias a seu público, pois a partir do momento em que estudantes aprendem sobre os processos de produção da informação, tornam-se indivíduos mais comprometidos com a escola e com a sociedade. É importante ressaltar que o tema do acesso democrático à produção e difusão

da informação está sempre presente nas discussões sobre como se dão os processos de construção das informações.

De maneira a subsidiar o desenvolvimento das atividades de Educomunicação, nos apoiamos no referencial trazido por Soares (2004), na Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental (ENCEA), bem como nas experiências do programa Nas Ondas do Ambiente realizado pelo poder público estadual. Todo este processo é norteado pela definição da Pedagogia Crítica da Mídia que contribui para a interpretação crítica dos textos e canais midiáticos e, em última instância para a percepção de mundo. A metodologia que vem sendo desenvolvida no projeto “Espaço com Cheiro de Verde”, baseia-se na pesquisa-ação, que contém em sua estrutura o diálogo e a interação entre várias linguagens e mídias, na medida em que essas se tornam acessíveis, além da participação dos envolvidos no processo de reflexão e de ação, que está diretamente associado às experiências dinâmicas cotidianas que favorecem a valorização do conhecimento popular e tradicional.

.....

1- O referido projeto acontece no CAIC Paulo Dacorso Filho desde 2004 e tem como objetivo o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental junto ao Ensino Fundamental, tendo como eixo norteador do trabalho, a horta escolar. De acordo com o desenvolvimento foram sendo inseridas novas abordagens, incluindo-se, neste ano de 2012, as abordagens em educomunicação socioambiental. O trabalho é coordenado pelo Laboratório de Ensino Agrícola da UFRRJ, sendo estabelecido assim, uma parceria efetiva entre ensino superior e educação básica.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E EDUCOMUNICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO “ESPAÇO COM CHEIRO DE VERDE”

O Aprofundamento do referencial teórico-metodológico é realizado nos encontros semanais do Grupo de estudos e pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS²), donde se depreende que desde o processo formativo dos bolsistas até a execução propriamente dita do projeto, a relação teoria-prática é a dinamizadora do projeto, permitindo um retorno reflexivo das atividades executadas. As atividades de Educomunicação desenvolvidas nesse projeto atendem às sete turmas do 2º segmento(6º ao 9º ano do Ensino Fundamental) do CAIC Paulo Dacorso Filho e objetivam a construção das informações, de modo geral, e em particular das informações socioambientais. As atividades acontecem de forma participativa e socialmente compartilhada com a comunidade escolar em encontros quinzenais com a participação dos professores das disciplinas de Artes, Ciências e Geografia, além da bolsista responsável pelas atividades de educomunicação³ do projeto. Muitas das atividades são realizadas no espaço da Sala Verde⁴ que fica localizado na própria escola.

Este espaço tem fundamental importância por conta de seu acervo bibliográfico e sua videoteca. Cumpre informar que a formulação de metodologias para a produção interativa é umas das recomendações do Programa de Educomunicação Socioambiental elaborado pelo Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2005), bem como está disposto na Política Nacional de Educação Ambiental (Órgão Gestor, 2005). Nossa proposta, além de atender ao Programa, contempla as diretrizes sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais(1997) ao envolver contribuição ao ensino de português(escrita e análise de textos), Ciências, Geografia e Artes, bem como os temas transversais (saúde, meio ambiente e cidadania). As atividades constituem-se na produção do jornal mural da escola com charges e gibis, além de vídeo-debates com o intuito de promover a Educação Ambiental na escola e na comunidade de seu entorno, por meio do uso das tecnologias e linguagens da comunicação no contexto escolar numa perspectiva da educação compartilhada com a mídia.

.....
2- O GEPEADS é um grupo de pesquisa, cadastrado no CNPQ e desde seu nascimento, em 2003, vem possibilitando o aprofundamento na formação profissional dos estudantes de graduação e pós-graduação da UFRRJ. Sua dinâmica de funcionamento é feita por encontros semanais de leitura e discussão de textos, bem como dos debates sobre projetos que estejam em andamento.

3- O projeto conta hoje com cinco bolsistas, sendo três deles do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas, um da Agronomia e outro do Curso técnico de Meio Ambiente do Colégio Técnico da UFRRJ. As atividades pedagógicas são planejadas e realizadas com as estudante da Licenciatura em Ciências Agrícolas e no caso específico do trabalho de Educomunicação, pela estudante Raabe Maranhão. Isto se dá pelo fato de ter sido a própria estudante a trazer a questão para o projeto. O estudante de Agronomia faz o trabalho de condução da horta escolar e a estudante do curso técnico acompanha o desenvolvimento das atividades. É importante frisar que as discussões são compartilhadas entre todos, inclusive com os bolsistas da sala verde, uma vez que todos são integrantes do GEPEADS.

4- A Sala Verde é fruto da parceria entre UFRRJ e MMA, constituindo-se num espaço integrador entre instituição e comunidades. Foi inaugurada em 2007 e funcional no CAIC Paulo Dacorso Filho que por sua vez está no campus sede da UFRRJ, em Seropédica/RJ.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E EDUCOMUNICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO “ESPAÇO COM CHEIRO DE VERDE”

Desta maneira, entendemos que o princípio da interdisciplinaridade é feito realidade nesta unidade escolar. Temos percebido que o desenvolvimento de temas relativos à educomunicação, vem possibilitando aos estudantes a sua percepção como “integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente, conforme propõem os Temas Transversais (1998)”.

Os debates sobre o acesso à informação, bem como sua produção tem possibilitado a construção do conhecimento crítico sobre o “consumo da informação” e a leitura crítica do que é veiculado na mídia. O desenvolvimento das atividades quinzenais com as turmas do segundo segmento do ensino fundamental constituem-se em importantes momentos de exercício livre de opiniões, bem como da construção de materiais (charges e notícias jornalísticas) que trazem a temática socioambiental como eixo dos debates.

O fruto destes encontros gerou a construção do Jornal Mural “Som do campo”, exposto na semana do ambiente na própria escola. Este jornal mural⁵ foi exposto também durante a exposição pedagógica da rede municipal, por ocasião do encerramento do primeiro semestre do calendário

escolar. Nesse sentido compreendemos que os pressupostos previstos na Constituição Federal (1988), sobre garantia do direito à liberdade de expressão e ao livre acesso à informação e comunicação, e que assegurem a pluralidade de ideias e opiniões dos diferentes grupos sociais e culturais, vem sendo colocados em discussão durante às atividades. É importante frisar que no âmbito territorial, a cidade de Seropédica vem passando por um conflito ambiental tensionado pela implantação do Centro de Tratamento de Resíduos Sólidos - CTR Santa Rosa. Este conflito pauta-se principalmente pelo processo de implantação do CTR sobre um importante manancial hídrico, qual seja o Aquífero Piranema. Este tema foi recorrente nas atividades desenvolvidas e exposto como “notícia” no Jornal Mural. Pretende-se dar continuidade ao trabalho desenvolvido por meio da elaboração permanente de Jornal Mural, bem como da abordagem de outras formas midiáticas, incluindo o tema de mídias livres que será objeto da realização de oficina ainda neste mês.

Dessa forma esperamos contribuir para uma formação verdadeiramente cidadã e propiciando à Unidade escolar onde é realizado o projeto, constituir-se num espaço educador verdadeiramente sustentável e responsável em promover a Educação Ambiental em todos os âmbitos do saber.

.....
5 - Não iremos aqui adentrar as especificidades do conflito relatado. Mas destacamos sua importância e a necessidade de maior discussão pelos diferentes atores envolvidos, em especial a comunidade situada no entorno do CTR. Apesar de situado no município de Seropédica, o município de Itaguaí é altamente impactado, por se uma área limítrofe. São despejados neste CTR praticamente todo o volume de lixo produzido pela cidade do Rio de Janeiro, por ocasião do encerramento das atividades do antigo lixão de Gramacho.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E EDUCOMUNICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO “ESPAÇO COM CHEIRO DE VERDE”



Confecção do Jornal Mural “ Som do Campo” . Os alunos são os protagonistas, criando charges e histórias em quadrinho nas Oficinas de Educação Ambiental no Centro de Atenção Integral à Criança e Adolescente(CAIC) Paulo Dacorso Filho.



Oficina de Adubação Verde. Preparando o terreno com o plantio de sementes de “Feijão de Porco”.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E CONSUMO CONSCIENTE E SUSTENTÁVEL: REFLEXÃO A CERCA CIDADANIA COM ADOLESCENTES

Autoras: Suzane Coelho e Patrícia Freitas

Palavras-chave: Educação Financeira; Consumo Consciente; Adolescente

A cultura de consumo vem atribuindo aos adolescentes um papel mais ativo. Considerando essa mudança no status dos adolescentes na sociedade contemporânea há a necessidade de mudanças no modo de pensar e agir. Para isso devem-se levar em consideração as atuais características da sociedade de consumo, percebendo a escola como um lócus privilegiado para a implementação da discussão e realização de atividades educativas que visem abordar questões sobre consumo junto a esse público. Assim, buscando atender às demandas da formação de indivíduos críticos e preocupados com as consequências de seus atos de consumo, o objetivo do projeto “Educação Financeira e Consumo Sustentável: Ações com Estudantes de Seropédica” tem sido promover reflexões e ações em educação financeira e consumo sustentável com alunos do segundo segmento do ensino fundamental da Escola Municipal Valtair Gabi no município de Seropédica, visando à formação de agentes multiplicadores e consumidores-cidadãos.

A metodologia utilizada no projeto foi dividida em diferentes momentos. Durante o projeto foram realizados encontros para discussão, estudos conjuntos, planejamento e avaliação das ações. Além disso, foi feita uma pequena pesquisa junto aos estudantes com intuito de conhecer suas práticas de consumo e elaboração de materiais e recursos didáticos que foram utilizados

nas ações junto ao público-alvo constituído por 2 turmas dos 8º e 9º anos de escolaridade e envolveu cerca de 100 alunos, do turno da manhã. Cada conteúdo foi abordado em um ou dois momentos, de aproximadamente 40 minutos, em cada turma. Os temas abordados foram: “Escambo”, “A História do Dinheiro”, “Dinheiro no Cotidiano”, “Consumo”, “Processo de Compras”, “Os Direitos e os Deveres dos Consumidores”, “Publicidade”, “Consumo Sustentável” e “Consumo e Saúde”.

Para trabalhar com estes temas foram utilizados recursos audiovisuais, bem como a realização de atividades referentes a cada tema, visando à fixação do conteúdo, como jogos, vídeos, músicas, cartazes, pesquisas. Ao finalizar o conteúdo, foi realizada uma pequena avaliação sobre o projeto junto aos alunos. O projeto vem buscando fornecer elementos para uma ampliação da perspectiva e problematização do consumo especialmente em um momento em que educação financeira começa a ser incluída em algumas escolas brasileiras. Por reconhecermos seu potencial, em longo prazo, de representar mudanças que apontem para a transformação do “cidadão consumidor” em “consumidor cidadão”, contribuindo, para uma sociedade economicamente próspera, socialmente justa e ambientalmente sustentável.

LABORATÓRIO DE ALGORITMOS, GRAFOS, OTIMIZAÇÃO E APLICAÇÕES - LAGOA

Autores: Válber Laux, Carlos Braz, Silas Cunha, e Adria Lyra

Palavras-chave: Ciência da Computação; Otimização Combinatória ; Bio-informática

Os estudos e evoluções na área da computação têm se mostrado extremamente úteis e importantes nas mais diversas áreas do conhecimento. A constante transformação e o surgimento de novas tecnologias tornam a gama de possibilidades de aplicações muito grande. No geral, tais aplicações possuem relevância social, como no caso dos estudos genéticos, que trazem importantes avanços na descoberta e compreensão de doenças, por exemplo.

Nesse âmbito, o grupo formado por alunos de Iniciação Científica e do programa Jovens Talentos para a Ciência denominado LAGOA - Laboratório de Algoritmos, Grafos, Otimização e Aplicações - busca explorar esses problemas, aperfeiçoar técnicas já existentes, propor novos rumos e divulgar à comunidade científica e interessados os resultados obtidos. Atualmente, a principal área de aplicação do LAGOA é no campo da Bioinformática. O grupo busca entender e produzir soluções para problemas nessa área, contribuindo com importantes estudos na área da saúde e biologia.

Em paralelo ao trabalho de pesquisa, o LAGOA se preocupa com a divulgação científica e de suas atividades. Foram criadas páginas na internet para exposição desse

conteúdo e, além de despertar o interesse sobre o assunto, são propostos levantamentos estatísticos sobre o uso e a percepção de aprendizado nos temas expostos. O grupo possui outras atividades de extensão, como o Ciclo de Palestras, que oferece minicursos e palestras para os discentes do curso de Ciência da Computação e público em geral.

Durante o ano 2012, foram apresentados cinco trabalhos em congressos científicos, dois trabalhos publicados em journals internacionais com qualis e criada e publicada a página do grupo na Internet. O LAGOA possui projetos financiados pela FAPERJ, CNPq e o convênio Academic Partnership Program com a empresa NVIDIA, que mantém um programa de incentivo à pesquisa em otimização utilizando placas de vídeo.

Além da continuidade na página — que pode ser acessada em <http://r1.ufrj.br/im/lagoa/>, onde serão divulgados os softwares, as instâncias usadas nos testes realizados com os algoritmos desenvolvidos, textos produzidos, calendários das palestras e minicursos — para o próximo ano estão programadas atividades como minicurso em Bioinformática, Programação em CUDA, entre outros a serem confirmados.

MESTRE ANGOLINHA E O GRUPO DE CAPOEIRA ANGOLINHA NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Autora: Ana Loreta Xenfonte de Pinho Paiva

Palavras-chave: Mestre Angolinha; Capoeira Angola; Grupo de Capoeira Angolinha

A capoeira Angola, contemporaneamente, está em processo de rápida disseminação e encontra-se presente em mais de duzentos países. A partir de uma ótica globalizada sobre o estudo e a prática da capoeira Angola no Brasil e no mundo, é possível enxergar que a transmissão dos fundamentos se dá a partir de uma herança de matriz africana que, enraizada na cultura brasileira, é difundida pautada em conhecimento e ensinamento dos Mestre formados nessa arte de vida.

O perfil do Mestre é o perfil do grupo que está sob sua orientação. Ao estudar as relações organizativas e as contradições em um processo de reconhecimento de um Mestre de Cultura popular, é visível como o caráter de liderança naturalmente é atribuído ao Mestre em consequência de características distintas e natas que lhe conferem capacidade de gerir o grupo, como no caso de escolas e academias de Capoeira Angola, dentre as quais o carisma e a empatia são elementos essenciais. Uma figura representativa dessas qualidade atua e trabalha há aproximadamente 15 anos dentro da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sendo o coordenador do Grupo de Capoeira Angolinha, intitulado GCANG, o Mestre Angolinha.

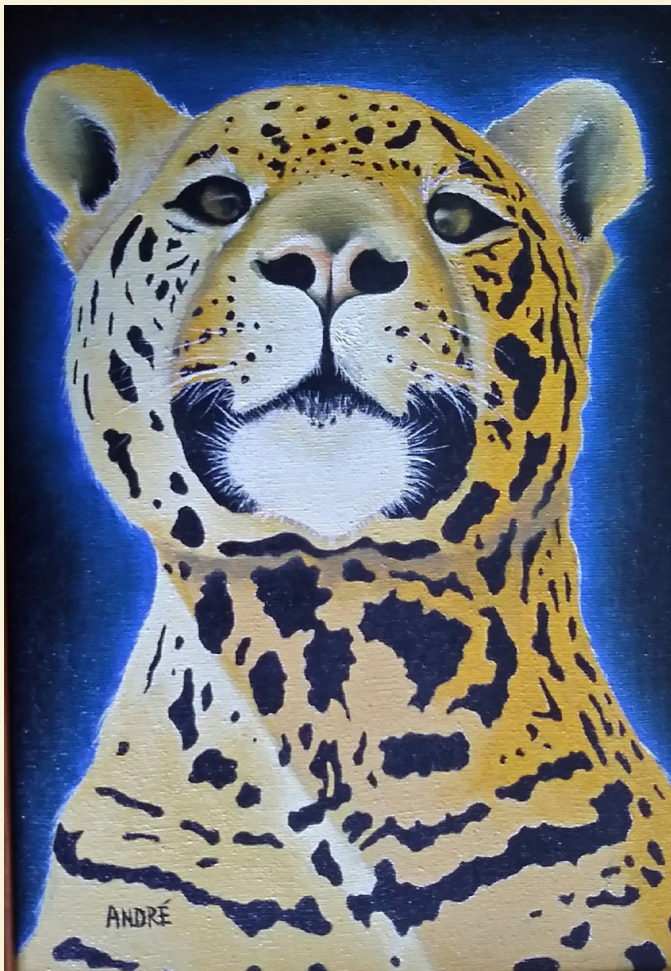
O GCANG nasce da frutificação de um trabalho desenvolvido por Mestre

Angolinha na década de 1970 num decorrer de 12 anos sob a coordenação de outro Mestre. Ao deparar-se com a complexidade e os conflitos dentro de um grupo já consolidado, Mestre Angolinha afasta-se e em meados 1996, a convite de dois alunos de graduação da UFRRJ e integrantes de um grupo de estudos de capoeira na Universidade, inicia sua trajetória no campus de Seropédica a partir de uma oficina e posterior acordo para formalização do grupo como Grupo de Extensão Universitária da UFRRJ, onde são ministradas aulas de movimentação e ritmo de capoeira. Mestre Angolinha é referência de capoeira no Brasil e no mundo, conhecido por sua exelência de técnica nos movimentos, além de sua relação carismática e carinhosa com os alunos, a sociedade civil e da capoeira.

O Grupo de Capoeira Angolinha abre caminho para ênfase a um segmento social da capoeira, não apenas no âmbito universitário mas também na cidade do Rio de Janeiro e em diversos países. Evidencia-se cada vez com mais clareza que a relação de coordenação e liderança estabelecida em grupos leva a condições de hierarquização e soberania, contrastantes às condições encontradas na realidade vivenciada pelo GCANG, onde Mestre e alunos, dentro de uma rotina aprendem, assim como os passáros, a ensinar e a viver.

SUPLEMENTO DESTINADO AO FOMENTO E DIVULGAÇÃO
DOS RESUMOS DOS ANAIS DA IX SEMANA DE EXTENSÃO UFRRJ

Artista Ruralino



Óleo sobre tela (24x36cm).
Título; "Felino Brasil-África".
Autor: André Capitão -
Mestrando em História



CoAr : Iniciativa e ação

POR POLLYANA LOPES

O CoAr é um coletivo de estudantes da Universidade Rural que se uniu com o objetivo de produzir arte e se profissionalizar. O grupo cria, coletiva e individualmente, objetos artísticos como quadros e esculturas, realiza a curadoria de exposições e participa de eventos e mostras. A iniciativa de criar um coletivo partiu de Renê Gomes, estudante de Belas Artes, que fala um pouco sobre esse início: “Para falar do Coletivo de Arte, CoAr, é preciso contar um pouco sobre como tudo começou. Antes de entrar para universidade eu trabalhei em um grande atelier que tinha muitos artistas talentosos. Nós produzimos, em equipe, painéis enormes. Percebi que era muito mais fácil, qualitativo e prazeroso produzir em equipe. Quando ingressei na universidade, antes de formar o grupo de extensão CoAr, procedi com várias tentativas de produção em grupo com os discentes do curso de belas artes.

A primeira empreitada e o percurso do grupo

Mesmo sem um coletivo estruturado, Renê construiu a estrutura de um quadro nas maiores dimensões que já passou na Rural. Foram necessários alguns encontros para que a pintura da fachada do P1 fosse finalizada. E durante a primeira exposição de obras feitas por integrantes do CoAr, na Primeira Semana Acadêmica de Belas Artes, a imagem foi concluída publicamente com o traçado de uma cadela à frente do Prédio Principal da UFRRJ.

É nesse momento que entra na história Pablo Ferreira de Lima. Também estudante de Belas

Artes e integrante do Diretório Central dos Estudantes (DCE), convidou o coletivo a projetar uma reforma visual no espaço de socialização dos estudantes gerido pelo DCE, a Caur. A iniciativa não foi concretizada, mas os estudos foram aproveitados no conjunto de vitrais do Restaurante Universitário (RU), mais um trabalho do CoAr. Também por intermédio de Pablo, o quadro do P1 ganhou um espaço permanente de exposição: a recém-criada Sala de Cultura, espaço para atividades artísticas gerido por estudantes com o apoio da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis. A missão seguinte a conclusão do trabalho no RU foi um desafio ainda maior: construir um conjunto de esculturas científicas para o Espaço Ciência Interativa, pertencente ao IFRJ do campus Mesquita. “Escrevemos um projeto de extensão para que fosse possível trabalhar num espaço dentro da universidade. Enfrentamos novos desafios com materiais diferentes, resinas, silicões, cargas, fibra de vidro, e adquirimos mais experiência para trabalhar nes-ses materiais. Esse projeto levou aproximadamente um ano e resultou em belíssimas esculturas científicas.” - conta Renê.

Terra, Água, Argila: Arte

Com a finalização do projeto e o retorno de Rafael Grillo, um dos integrantes do grupo, de mobilidade acadêmica em outra universidade, o grupo iniciou as experimentações em cerâmica. Hoje elas são um importante campo de atuação do CoAr. No trabalho que tem a terra como matéria-prima, eles modelam a argila e criam figuras, formas e movimentos, para uso ou admiração. Por dois anos consecutivos, o



O primeiro trabalho do coletivo hoje faz parte do ambiente da Sala de Cultura.

Percebi que era muito mais fácil, qualitativo e prazeroso produzir em equipe.

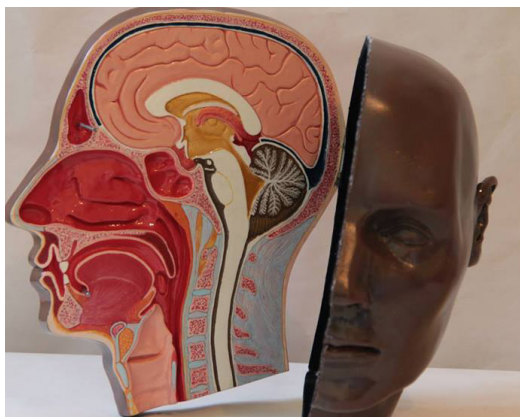
Renê Gomes, estudante de Belas Artes e idealizador do Coletivo.

grupo de extensão marcou presença no Encontro de Ceramistas de Paraty. Em 2013, os estudantes participaram de oficinas e fizeram contatos. Mas em 2014 a presença do coletivo foi mais incisiva e perigosa. Dalcir Ramiro, ceramista, organizador do evento e conhecido do grupo desde a primeira participação no encontro, convidou o CoAr a integrar a equipe da performance do artista plástico Ricardo Woo na qual a peça *Sacrifício* foi queimada por meio da técnica de Raku.

Ao final da apresentação, Dalcir estimulou o CoAr a construir autonomamente uma apresentação para o próximo encontro de ceramistas.

Treinamento em cerâmica

Para aperfeiçoar a técnica da cerâmica e celebrar o Samhain, o Coar, no dia primeiro de maio, construiu e queimou um forno para finalizar a produção de objetos em argila. Samhain é a comemoração da passagem do ano novo na cultura celta. A festividade acontece na passagem para o inverno e acreditava-se



Uma das escultras científicas produzida pelo CoAr foi uma cabeça em corte sagital aberto.



Peça Sacrificio de Ricardo Woo, ainda incandescente.

que as almas dos mortos retornavam a suas casas para visitar os familiares, para buscar alimento e se aquecerem no fogo da lareira.

Foi de Renê Gomes a ideia de associar a queima com o início do ano novo celta. O estudante conta como conheceu e se interessou pela cultura celta: “Nas aulas, nós vemos na história da arte exemplos de arte de várias culturas, a cultura celta é uma delas. Pesquisei um pouco sobre os celtas e descobri que eles não foram um povo e sim um grupo de povos europeus, que compartilham cultura, alguns rituais, alguns deuses, arte, religião, tecnologias, calendário. Alguns eram muito avançados, construíram cidades, grandes monumentos e dominaram os metais. Isso me trouxe certo fascínio.” O interesse foi tanto que Renê quis trazer um pouco do imaginário celta para os ruralinos. “A queima foi uma forma de trazer parte da história dessa cultura para universidade.

Reproduzimos fragmentos de sua arte em cerâmica e fizemos a queima coincidindo com a data de uma festa importante, que marca o início do inverno, o Samhain. Foi uma primeira experiência de uma prática que pode se tornar frequente na universidade, unindo os conhecimentos que adquirimos nas disciplinas de escultura, história da arte e nos encontros de ceramistas que o CoAr tem marcando presença.” - explica Renê. As peças queimadas foram feitas pelos integrantes do coletivo e pelos alunos da oficina de escultura oferecida por Rafael Grillo no CAC. O estudante, que também faz parte do CoAr, está no quinto período de Belas Artes e ministra as aulas no Centro de Arte e Cultural desde novembro de 2013.

O forno foi construído pelos integrantes do CoAr com argila, lenha, gravetos, papéis e mato seco encontrados dentro da própria universidade. Com a queima, forno converteu-se em uma grande fogueira e o evento tornou-se um encontro caloroso e divertido.

Depois do trabalho de produção, o de curadoria



POR CAROLINA VAZ E POLLYANA LOPES



Foto: Carolina Vaz

Manoel Ribeiro e a obra que abre a exposição.

Após o processo de criação de obras de artes é preciso um esforço diferente para viabilizar que os objetos cheguem ao público. Os curadores concebem, montam e supervisionam exposições de arte. Também faz parte das atividades do CoAr o trabalho de curadoria. No dia 25 de abril de 2014, Itacuruçá, distrito de Mangaratiba (RJ), recebeu a exposição Saudades, do artista plástico Manoel Ribeiro. Manoel, que estuda Belas Artes na Universidade Rural, expôs um conjunto de quadros com a temática da morte, produzidos com a técnica de nanquim sobre papel Canson e com referência em xilogravura.

A exposição traz a temática da morte, com

referência à origem nordestina de Manoel, tanto na técnica da xilogravura - usada como ilustração de cordéis nordestinos - quanto no próprio conteúdo. O artista é de Limoeiro, cidade de Pernambuco, de onde veio aos 18 anos. O nome, Saudades, é uma homenagem aos avós de Manoel que já faleceram.

A produção da mostra foi feita pelo CoAr, coletivo artístico de alunos e ex-alunos da UFRRJ que produz e desenvolve projetos artísticos de diferentes técnicas. Membros do coletivo escreveram o projeto da exposição, além de viabilizar a divulgação. A realização foi da Fundação Mario Peixoto, e o próprio CEFEC, que pertence à prefeitura.



Do quilombo para o cinema



POR POLLYANA LOPES

O som do machado partindo a madeira é constante. Frases curtas em depoimento intercalam-se com imagens artísticas de paisagens naturais e de pessoas. Soma-se a encenação da produção do carvão e está pronta a ambientação do filme que conta um pouco da história do quilombo que fica em Lídice, no sul do estado do Rio. “Alto da Serra, de Carvoeiros a Quilombolas” constrói em vídeo a história da família Leite e da formação do quilombo de Alto da Serra.

O grupo é formado por remanescentes dos carvoeiros da região. A prática alimentava as atividades econômicas no Vale do Paraíba no início do século XX. A mão-de-obra utilizada na prática, análoga à escravidão, era condicionada ao nomadismo e dessa maneira, os pais de Seu Benedito foram parar no local. A história dos quilombolas de Alto da Serra é acompanhada pelo professor do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro André Videira há mais de dez anos em pesquisas e intervenções.

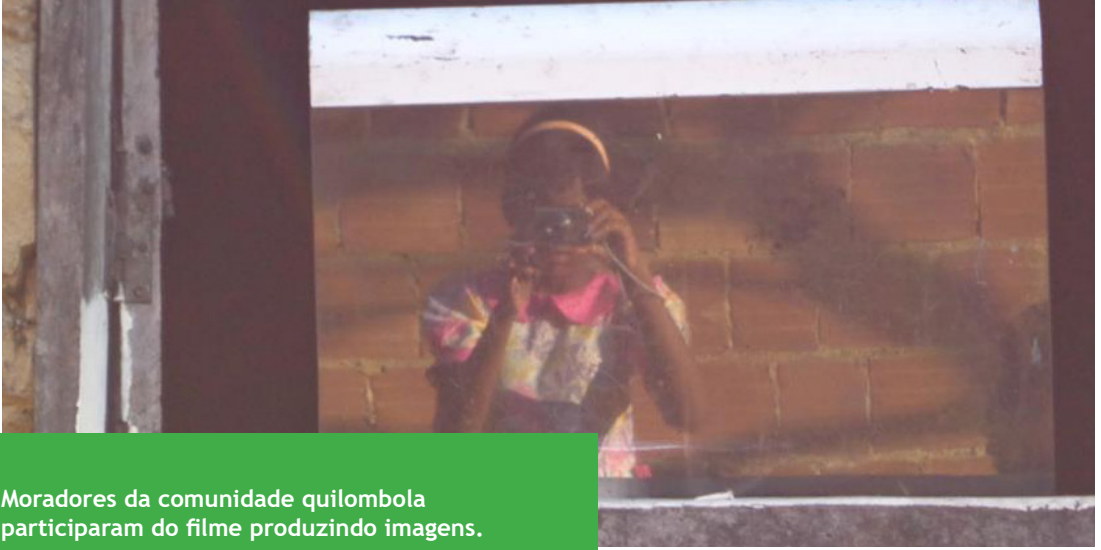
“Essa experiência do filme está em uma longa história de pelo menos 11 anos trabalhando na comunidade. A gente foi descobrindo muitas coisas juntos. Temos trabalhado com o grupo desde que eles passaram pelo processo de autorreconhecimento como quilombola. De descobrir alternativas jurídicas de utilização da terra, de pensar que a autodenominação como quilombo é a que mais diz respeito a eles, pensar territórios, pensar a construção de direitos.” - esclarece André.



Com oito anos de idade eu trabalhava com meu pai no carvão. Já era bem mais moderno. Mas na época dos meus avós, dos meus pais, meus tios, carvão era bem escravizado. Os carvoeiros não tinham direito nem a pagamento. Eles trocavam carvão por mantimento.

Benedito Leite, residente do quilombola Alto da Sé.





Moradores da comunidade quilombola participaram do filme produzindo imagens.

Na reconstituição da comunidade quilombola Alto da Serra, alguns integrantes mais jovens da família “interpretaram” seus tios, avós, bisavós, etc. De acordo com André, a ideia era que eles participassem da construção da narrativa sobre a própria história. As imagens e o roteiro do filme foram realizados junto dos moradores por meio de oficinas promovidas pelos projetos “Quilombo vai a escola”, “Grupo PET Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada”, com o apoio do Coletivo Audiovisual Sankofa e do Observatório de Povos Tradicionais da UFRRJ.

Um dos lançamentos do filme aconteceu no dia 10 de fevereiro de 2014, no campus Seropédica da Rural. A mesa de apresentação do média-metragem foi composta pelo professor André Videira, pelo diretor do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Ricardo Oliveira, e pelo residente da Associação dos remanescentes do quilombo Alto da Serra, Benedito Bernardo Leite.

“Foi a partir do carvão. Era um serviço meio escravo na época. Eu alcancei o finalzinho dessa época do carvão. Com oito anos de idade eu trabalhava com meu pai no carvão. Já era bem

mais moderno. Mas na época dos meus avós, dos meus pais, meus tios, carvão era bem escravizado. Os carvoeiros não tinham direito nem a pagamento. Eles trocavam carvão por mantimento.” - Relembra Benedito sobre as condições de trabalho na fabricação do carvão.

Além de Benedito, que compôs a mesa, estavam presentes na plateia em torno de 20 quilombolas da comunidade. Veio deles e dos diversos estudantes e professores que lotavam o auditório os aplausos e reconhecimento pelo trabalho apresentado.



Projeto vai transformar experiência de ressocialização

POR CAROLINA VAZ

Entre os anos de 2008 e 2011, a Universidade Rural e outras instituições do estado do Rio de Janeiro formaram como agentes de reflorestamento 104 indivíduos privados de liberdade, em regimes prisionais aberto e semiaberto. Essa experiência se tornou um novo projeto de extensão, classificado pelo Edital Proext do Ministério da Educação (MEC) em 2013, com o intuito de criar um livro didático sobre o curso.

O curso

O curso de extensão realizado chamava-se “Formação de agentes de reflorestamento”. Os alunos qualificados eram da Colônia Agrícola de Magé (RJ), e trabalhavam no reflorestamento de matas ciliares (na beira de rios) dos rios Guandu e Macacu, ambos no estado do Rio de Janeiro. Os estudantes executavam a prática - o reflorestamento - durante a semana, e tinham aulas teóricas no campus Seropédica da Rural aos sábados. Os regentes das disciplinas eram bolsistas e voluntários da universidade, que faziam o planejamento e a preparação do material das aulas, incluindo os textos das apostilas utilizadas em cada disciplina. A trajetória curricular dos alunos rendeu, a cada um deles, um certificado de curso de qualificação profissional de extensão, de mil horas.

Foi uma parceria interinstitucional entre a UFRRJ, a Companhia de Águas e Esgotos do Estado do Rio de Janeiro (CEDAE), a Fundação Santa Cabrini (órgão

vinculado à Secretaria Estadual de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro), a empresa Águas de Niteroi, a Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão da Universidade Rural (Fapur) e a Vara de Execuções Penais.

Uma nova chance de ressocialização

O professor Tarci Gomes Parajara, que coordenou o projeto do livro junto com a professora reitora Ana Dantas, e também participou do curso de reflorestamento, enxerga duas frentes de impacto social do projeto. Primeiramente, o amadurecimento dos bolsistas, com a oportunidade de escrever um capítulo de livro ainda na graduação.

Segundo, a distribuição desse livro no sistema prisional no Brasil inteiro, divulgando o projeto como aconteceu na universidade e seus resultados. A ideia é também possibilitar que outras instituições, como escolas com ensino técnico e institutos federais, possam aplicar a proposta em outras áreas.

Tarci Gomes, em seu mestrado na área de meio ambiente no Programa de Pós graduação em Educação Agrícola (PPGEA) do Instituto de Agronomia, estudou a relevância dessa atividade na vida dos indivíduos privados de liberdade, com foco na ressocialização. Segundo ele muitos já retornaram à liberdade e trabalham na área de reflorestamento.



De uma maneira geral, a gente pode dizer que conseguiu sensibilizá-los para a questão ambiental e especialmente para a recuperação de uma autoestima, sobre a possibilidade de refazer a vida, de voltar a estudar, ter uma nova perspectiva de vida

Professor Tarci Gomes
Parajara, coordenador do
Projeto.



“De uma maneira geral, a gente pode dizer que conseguiu sensibilizá-los para a questão ambiental e especialmente para a recuperação de uma autoestima, sobre a possibilidade de refazer a vida, de voltar a estudar, ter uma nova perspectiva de vida”, afirmou.

Outro fato que auxiliou na recuperação da autoestima dessas pessoas foi o ambiente universitário, convivendo com os graduandos, almoçando no Restaurante Universitário como todos. Segundo o professor, essa vivência faz a pessoa sentir que é cidadão, como qualquer aluno da universidade, o que aliás a equipe ressaltava durante o curso: eles eram alunos da Rural.

Os capítulos do livro estarão de acordo com as disciplinas da proposta original do curso, além de um capítulo introdutório relatando a proposta da atividade, descrevendo sua metodologia, afim de subsidiar propostas parecidas no futuro, segundo o professor Tarci.

| Saiba as disciplinas do curso:

- a) Fundamentos de Botânica;
- b) Viveiricultura;
- c) Relações solo-água-planta;
- d) Ética e Cidadania;
- f) Desenvolvimento Sustentável;
- g) Recuperação de Áreas Degradadas;
- h) Manejo de Paisagem e Paisagismo;
- i) Sistemas Agroflorestais;
- j) Segurança no Trabalho Rural;
- k) Práticas em Educação Ambiental;
- l) Legislação Ambiental;
- m) Planejamento, projetos e gestão.

Maiores informações sobre o Projeto no site:
<http://r1.ufrrj.br/cfar/index2.php>

